

CONCLUSÃO

A luta entre a preferência e a resistência: a espera de Deus que mendiga o nosso amor

por Julián Carrón*

Assim entrou na história a luta entre o amor de Deus, que nunca deixa de procurar o homem, e a relutância do homem; é uma luta entre a preferência e a resistência, entre a preferência de Deus e a resistência do homem; é uma luta entre o homem e a medida misteriosa que se fez evidente na história do povo. «O critério adequado do seu agir de homem é Deus [...]. Ao invés disso, o homem tenta desde o início desnaturar a sua imagem de criatura feita “à semelhança” de Deus, tende a estruturar a vida a partir de sua própria medida, que em formas mais ou menos refinadas e complexas não é outra coisa senão a reatividade do instante, quer se apresente como estado de espírito, como instinto, quer se apresente como opinião. [...] A mentira geral a nível de consciência é a tentação até mesmo naquele pequeno povo que Deus escolheu, mas ela ali se manifesta de maneira mais dramática, como luta entre *si próprio* e a medida misteriosa: é como se o homem tivesse de caminhar totalmente entregue a algo que não corresponde a nenhuma medida humana, e encontrasse alegria após ter-se abandonado; [que paz quando nos abandonamos!] mas, normalmente, [não é assim:] há dureza, resistência e rebeldia».¹

Diante desta feroz obstinação do homem, Deus é «obrigado» a mostrar suas entranhas cheias de amor e de misericórdia. Exatamente como vocês, pais, como uma mãe diante da teimosia do filho: ou o atira contra a parede, ou tem que expor todas as suas entranhas de mãe. Apesar de o povo persistir na sua resistência, Deus não consegue abandoná-lo. [...]

Pareceria um fracasso total. Mas «Deus não falha», diz Bento XVI. «Ou mais exatamente: no início Deus falha sempre, deixa existir a liberdade do homem, e esta diz continuamente “não”. Mas a fantasia de Deus, a força criadora do seu amor é maior do que o “não” humano. Com cada “não” humano é acrescentada uma nova dimensão do seu amor, e Ele »

* Do livrinho dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2016
© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón «*Amei-te com um amor eterno, tive piedade do teu nada*»

» encontra um caminho novo, maior, para realizar o seu “sim” ao homem, à sua história e à criação».²

Mesmo neste momento Deus não quebra a sua Aliança. Ele repropõe-a. «Deus nunca é derrotado», afirmava o então Cardeal Ratzinger, «e as suas promessas não caem juntamente com as derrotas humanas, pelo contrário, tornam-se maiores, tal como o amor cresce na medida em que o amado precisa dele».³ Este é um ponto crucial, que subverte a nossa lógica. Nós projetamos em Deus as nossas derrotas e os nossos parâmetros de sucesso e de fracasso. «Mas eu sou Deus, não homem», repete-nos. Ele é «Outro», não um prolongamento de nós. Deus é diferente, é um outro diferente de nós. Deus é Deus. Por isso recomeça sempre com novas ações e nunca deixa de tomar a iniciativa em relação a nós, pois não está ligado ao que nós chamaríamos de «sucessos». Deus não mede de acordo com essa métrica a eficácia da Sua iniciativa, porque a nascente da Sua ação é totalmente diferente: as Suas entranhas, não as nossas derrotas. Tanto é verdade que, por mais que o homem diga que não, por mais que a sua resposta seja sempre inadequada, Ele nunca deixa de procurá-lo. Como diz o Papa Francisco, «nunca Se cansa de passar e repassar pelas praças dos homens até às cinco horas da tarde a fim de lhes propor o seu convite de amor».⁴ [...]

«Eis a questão: Deus comoveu-se com o nosso nada. E não só, Deus comoveu-se com a nossa traição, com a nossa pobreza grosseira, esquecida e traidora, com a nossa mesquinhez. Deus comoveu-se com a nossa mesquinhez, que é ainda mais do que ter-se comovido com o nosso nada. “Tive piedade do teu nada, tive piedade do ódio que me tens. Comovi-me porque tu me odeias”, como um pai e uma mãe que choram de comoção por causa do ódio do filho. Não choram porque se sentem atingidos, choram de comoção, ou seja, é um pranto totalmente determinado pelo desejo do bem do filho, do destino do filho: que o filho mude, pelo seu destino, que se salve. É uma compaixão, uma piedade, uma paixão. Teve piedade de mim, que era tão esquecido e mesquinho. Se a nossa vida for normal, depois do que nos aconteceu, é difícil podermos encontrar durante o dia pecados especiais, mas o pecado é a mesquinhez da distração e do esquecimento. O pecado é a mesquinhez de não traduzir em novidade, de não fazer resplandecer de nova aurora aquilo que fazemos: deixamo-lo opaco, tal e qual como surge, sem ferir ninguém, mas também sem o oferecermos ao esplendor do Ser».⁵

Esta é, então, a fonte da nossa certeza: «Teve piedade de mim e do meu nada e escolheu-me; escolheu-me porque teve piedade de mim; escolheu-me porque se comoveu com a minha mesquinhez! O que descreve a dedicação com que o Mistério – o Mistério supremo e o Mistério deste homem que é Cristo, Deus feito homem – o que descreve a dedicação do Mistério por nós, a dedicação com que o Mistério cria o mundo e perdoa a mesquinhez do homem – e perdoa-o, abraçando-o; mesmo mesquinho, nojento, abraça-o – é uma emoção. É como que uma emoção, é uma comoção, tem dentro uma comoção. É justamente esta a observação que exalta a maternidade de Deus».⁶ [...]

Digam-me se há alguma coisa mais urgente do que um olhar como este sobre nós. Através dele, Deus quer provocar o nosso «sim». Por isso Simone Weil dizia: «Deus espera com paciência que eu queira, finalmente, consentir em amá-lo. Deus espera como um mendigo que fica de pé, imóvel e silencioso, diante de alguém que talvez lhe dê um pedaço »

» de pão. O tempo é essa espera. O tempo é a espera de Deus que mendiga o nosso amor».⁷
A isto, nós podemos responder com aquilo que cantámos no início: «Eu sei quem és para mim, haja o que houver espero por ti».⁸

¹ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, São Paulo, Companhia Ilimitada, 1996, pp. 39-40.

² Bento XVI, *Homilia na Santa Missa com o Episcopado da Suíça*, 7 de novembro de 2006.

³ J. Ratzinger, *Guardare Cristo. Esercizi di Fede, Speranza e Carità*, Jaca Book, Milão 1989, p. 44.

⁴ Francisco, *Discurso no encontro com os Bispos dos Estados Unidos da América*, Washington D.C., EUA, 23 de setembro de 2015.

⁵ L. Giussani, *É possível viver assim?*, vol. III, Coimbra, Tenacitas, 2007, pp. 25-26.

⁶ *Ibidem*, pp. 26-27.

⁷ S. Weil, *Quaderni. Volume IV*, Adelphi, Milão 1993, p. 177.

⁸ *Haja o que houver*, letra e música de P.A. Magalhães: «Haja o que houver eu estou aqui, /haja o que houver espero por ti; / volta no vento, ó meu amor, / volta depressa, por favor. // Há quanto tempo já esqueci / porque fiquei longe de ti; / cada momento é pior, / volta no vento por favor. // Eu sei quem és para mim / haja o que houver espero por ti. // Há quanto tempo já esqueci... // Eu sei quem és para mim...».